



O MÉTODO DE ISABEL BURTON NA PRIMEIRA TRADUÇÃO DE UM ROMANCE BRASILEIRO PARA A LÍNGUA INGLESA - *IRAÇÉMA*, *THE HONEY-LIPS*, DE JOSÉ DE ALENCAR

ISABEL BURTON'S METHOD IN THE FIRST TRANSLATION
 OF A BRAZILIAN LITERARY WORK INTO ENGLISH -
 JOSÉ DE ALENCAR'S *IRAÇÉMA*, *THE HONEY-LIPS*

Eduardo Luis Araújo de Oliveira Batista*

RESUMO

Publicada em 1886, a versão em língua inglesa de *Iracema*, de José de Alencar, tornou-se a primeira tradução de uma obra de ficção brasileira para essa língua, inaugurando o intercâmbio literário-tradutório entre o Brasil e o Reino Unido. Além de seu caráter pioneiro, o estudo da tradução de *Iracema* que se propõe neste trabalho levanta questões sobre a recepção da literatura brasileira em língua inglesa, entre eles o papel do gênero indianista nesse processo, e a formação de uma tradição de representação exótica da cultura brasileira no estrangeiro. Para ajudar a esclarecer essas e outras questões, como a própria autoria da tradução, assinada por Isabel Burton, mas questionada por alguns estudiosos, apresentamos neste artigo um estudo do método tradutório empregado na obra. Por meio de uma análise comparativa entre o original e o texto traduzido, e partindo do levantamento dos procedimentos tradutórios mais utilizados na abordagem dos itens culturais específicos presentes no texto, segundo a classificação de Javier Aixelá (2013), procuramos mostrar como a prevalência de determinados procedimentos de transferência e a forma como são usados sugerem um método que indica a exotização do texto traduzido, criando uma resistência na recepção da obra e do gênero indianista em seu novo público.

Palavras-chave: *Iracema*; Isabel Burton; José de Alencar.

* Pós-doutorado em Letras no PPGL/UFES, pesquisa desenvolvida como bolsista PNPd/CAPES. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5230-8483>

ABSTRACT

Published in 1886, the English version of José de Alencar's *Iracema* became the first translation of a Brazilian novel into that language. Besides its pioneering character, *Iracema*'s translation raises the question of the Indianist genre's role in the primary reception of Brazilian literature in the United Kingdom and the establishing of an exotic tradition of representing Brazilian culture abroad. In order to contribute to a better understanding of these issues, such as the translation authorship itself, questioned by some scholars, this article presents an investigation of the translation method used in the English version of Alencar's book. Through a comparative analysis between the original and the translated text, this research focus in the surveying of the methods employed in the translation of the specific cultural items found in the text, according to the classification proposed by Javier Aixelá (2013), especially those ones related to Indianist culture, which abound in the text and are regarded as an important feature of the literary genre here concerned. The article shows how the prevalence of certain transfer procedures and the way they were used suggest a method that indicates the exoticization of the translated text which has created a resistance in its reception to a new audience.

Keywords: *Iracema*; Isabel Burton; José de Alencar.

1 INTRODUÇÃO

Com a publicação em 1886 da tradução para a língua inglesa de *Iracema* (1865), de José de Alencar, Isabel Burton inaugurou de forma tardia a presença da prosa de ficção brasileira no mercado editorial anglófono. A tradução do romance fazia parte de um projeto de seu marido, Sir Richard Francis Burton, de traduzir uma série de obras para a língua inglesa como forma de divulgar a cultura brasileira e enriquecer a literatura britânica, como é discorrido em seu artigo "Translations", publicado no periódico londrino *Athenaeum* em 1872. Esse projeto surgiu e se desenvolveu a partir do período em que o casal viveu no Brasil, entre 1865-69, quando Burton atuou como cônsul britânico no porto de Santos, em São Paulo.

Apesar de compreender uma longa lista com dezenove obras, apenas quatro foram traduzidas. Além de *Iracema* o casal traduziu e publicou em inglês *Manuel de Moraes*, romance histórico de João Manuel Pereira da Silva, de 1866, que foi publicado em coedição com a obra de Alencar. Burton ainda atuou como editor da tradução de um livro de viagem sobre o Brasil do século XVI de autoria do alemão Hans Staden, que relata o período no qual seu autor passou como prisioneiro dos índios Tupinambá. O texto de Staden foi traduzido por Albert Tootal a partir de uma sugestão de Burton, que foi quem editou e introduziu o relato. Burton também traduziu *O Uruguai*, de Basílio da Gama (1769), que só foi publicado em 1982 pela University of California. Como se pode constatar, o exotismo da temática indígena se destaca nesses textos traduzidos pelo casal (BATISTA; VIEIRA, 2009).

Nesse contexto de pouca representatividade da literatura brasileira em língua inglesa, a tradução de *Iracema* destaca-se, seja pelo pioneirismo na introdução da literatura brasileira para o leitor anglófono, seja pelo lugar de prestígio que a obra ocupa na história literária. A filiação do romance ao indianismo, do qual é considerado um dos principais exemplos, enseja a discussão de questões mais amplas, como o papel desse gênero na divulgação inicial de nossa literatura nacional em língua inglesa. O estudo da tradução de *Iracema* também permite levantar questões mais es-

pecíficas, como a estratégia da tradutora ao lidar com as constantes e inúmeras referências culturais indígenas, incluindo o uso de vocabulário tupi-guarani e metáforas e expressões de origem indígena, e a forma como essas estratégias podem influenciar na recepção da obra traduzida. Finalmente, uma outra questão para a qual este estudo pretende contribuir diz respeito à autoria da tradução, questionada por alguns biógrafos e estudiosos. Apesar de ter sido publicada como traduzida por Isabel Burton, com prefácio por ela assinado, autores como Frederick C. H. Garcia (1975) questionam os conhecimentos de Isabel em língua portuguesa para realizar tal tarefa. Como aponta Frederick C. H. Garcia:

É um fato que Honey-Lips foi impresso com a página inicial dizendo se tratar de uma tradução de Isabel Burton; Manuel de Moraes aparece como tendo sido traduzido por Isabel e Richard F. Burton. Apesar dessas indicações, há evidências para justificar a ideia de que em ambos os casos o trabalho foi feito por Burton sozinho. Muitos de seus trabalhos foram impressos quando ele não estava presente em Londres; nesses casos Isabel recebia a responsabilidade de fazer os arranjos e acompanhar o manuscrito no processo de impressão; com frequência a esposa de Burton recebia a tarefa de transcrever seus rascunhos. Muitas vezes ela ia além de suas atribuições, incluindo-se como editora, responsabilidades que, em assuntos relacionados à língua portuguesa, estavam acima de suas capacidades (GARCIA, 1975, p. 36).

Além da questão da pouca proficiência linguística, outro motivo da desconfiança seriam as intromissões de Isabel na obra do marido. Isabel atuou como agente literária de Richard Burton, negociando a publicação dos textos com os editores londrinos e algumas vezes inserindo seus comentários, sendo notório o episódio da queima de muitos dos manuscritos e cartas do marido após sua morte.

Com o intuito de produzir elementos para se discutir as questões gerais e específicas acima apontadas, e contribuir para o esclarecimento da autoria da tradução, propomos neste artigo identificar o método tradutório empregado em *Iraçema, the Honey Lips* a partir do levantamento dos procedimentos utilizados na tradução dos itens culturais específicos (ICE). Uma vez que a presença dos ICEs, especialmente os de origem tupi-guarani, aos quais se adicionam os de origem da língua portuguesa e da cultura brasileira, abunda no texto fonte, e considerando que essa presença é parte significativa da estrutura do gênero literário que a obra representa, a estratégia de tradução desses itens torna-se um dos principais desafios do tradutor na representação da obra em outra língua, e um aspecto importante na determinação de seu método de trabalho e do resultado de seu esforço tradutório. A descrição e análise do método tradutório empregado na tradução de *Iracema* propõe-se também a contribuir para a asserção de sua autoria, ao estabelecer parâmetros para posteriores comparações desta tradução com outras obras traduzidas por Richard e Isabel

Para o levantamento das estratégias gerais de tradução empregadas na obra utilizamos a classificação proposta por Heloisa Barbosa em *Procedimentos técnicos da tradução* (2004), no qual a autora elenca os principais procedimentos encontrados na tradução literária. Para tratar especificamente da tradução dos ICEs, nos reportamos ao trabalho de Javier Franco Aixelá, “Itens Culturais-Específicos em Tradução” (2013), no qual o autor propõe “agrupar todas as estratégias possíveis aplicadas aos ICEs na tradução” (AIXELÁ, 2013, p. 195). Sua classificação também propõe ordenar as estratégias segundo seu grau de manipulação cultural. A partir dessa classificação, seria possível descobrir a tendência geral de uma tradução com relação à dupla tensão entre “ser uma representação de um texto fonte e ser um texto válido em si” (AIXELÁ, 2013, p. 195). Ao utilizar a classificação proposta por Aixelá, buscamos determinar o grau de

manipulação cultural, numa escala entre a naturalização e a exotização, a que o texto traduzido foi submetido, para em seguida avaliar em que medida tais estratégias repercutem na recepção do texto traduzido.

Para fins de análise, foram consultadas a primeira edição digitalizada em fac-símile das duas obras (disponíveis na Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin e no portal *Burtoniana.org*). É de se supor que Isabel tenha consultado a primeira edição de *Iracema*, que foi publicada no ano em que o casal desembarcou no Brasil, 1865, lembrando ainda que ela cita no prefácio o fato de ter recebido aulas de tupi-guarani do próprio José de Alencar.

2 IRACEMA, LENDA DO CEARÁ

A escolha de *Iracema* como a obra responsável por introduzir o romance brasileiro em língua inglesa acabou revelando-se representativa, dada a posição que o romance veio a adquirir no cânone literário brasileiro. É importante lembrar, porém, que, quando os Burton tiveram acesso ao texto, ele havia sido publicado há pouco tempo, e ainda não carregava todo o peso histórico e simbólico que ameahou ao longo dos anos. A historiografia literária brasileira consagrou a obra de Alencar por meio de opiniões como a de Alfredo Bosi, que vê *Iracema*, assim como *O Guarani*, como textos fundadores do romance nacional (BOSI, 1992, p. 179).

A história de *Iracema*, relatada em terceira pessoa, sugere o ponto de vista de um narrador indígena que utiliza a língua portuguesa para contar uma lenda de seu povo, como sugere Vagner Camilo, ao lembrar que o narrador utiliza “a mesma linguagem metafórica de suas personagens, como se a história estivesse sendo narrada desde dentro do mundo indígena, por um de seus membros” (CAMILO, 2007, p. 170). A lenda retrata a história trágica de amor entre uma indígena e um europeu, cujo filho representa a origem mestiça da população brasileira. Ainda que o narrador utilize a língua portuguesa, esta é recheada de vocábulos, imagens, metáforas e expressões de origem indígena. Em sua proposta de uma língua nacional, Alencar cria um hibridismo linguístico em seu texto que aponta para a própria mestiçagem do povo brasileiro cuja origem é nele representada. Como aponta Eliamar Godói,

Assim, intercalando termos indígenas ou criando novas palavras em sua obra, ora usando método tupi de formação de palavras, ora usando palavras de origem tupi já existentes e compiladas em dicionários, Alencar tentava introduzir ou divulgar por meio de sua obra um linguajar, considerado por ele, como tipicamente brasileiro (GODÓI, 2006, p. 91).

Ao mesclar as duas línguas em seu texto, o português e o tupi, e pela adoção por parte do narrador onisciente de um ponto de vista indígena, o hibridismo linguístico apresentado por Alencar em *Iracema* constitui um elemento de distinção do gênero a que a obra pertence, o indianismo, e torna-se um ponto central na determinação do método empregado na tradução da obra para outra língua, como veremos a seguir.

3 IRAÇÉMA, THE HONEY-LIPS

No prefácio da tradução de *Iracema*, Isabel, além de apresentar o autor da obra como “o primeiro escritor de prosa e romance” do Brasil (BURTON, 1886, p. 3) e discorrer sobre sua importância nas letras brasileiras, revela brevemente sua proposta tradutória ao afirmar que “tentou

ser tão literal quanto possível” (BURTON, 1886, p. 3).¹ O texto, que recebeu em sua primeira edição brasileira o título de *Iracema, Lenda do Ceará*, foi traduzido integralmente, e foi intitulado *Iraçema, the Honey-lips. A Legend of Brazil*. A alteração da grafia do nome da personagem título, cuja terceira sílaba recebe um cedilha na consoante “C” e um acento agudo na vogal, soa estranha, uma vez que não parece ser uma adaptação às normas da língua inglesa, nem corresponde às regras da língua portuguesa da época, o que acentua a carga de exotismo trazido pelo nome indígena no título. A inserção de acentos na transliteração de termos indígenas e portugueses para a língua inglesa é um procedimento que a tradutora irá adotar ao longo do texto, e parece marcar as sílabas tônicas das palavras, talvez na tentativa de facilitar sua pronúncia. A inclusão no título de “Honey-lips”, e a alteração do subtítulo de “Lenda do Ceará” para “Legend of Brazil” são recursos que apontam para duas direções que se perpetuaram na história da tradução de obras literárias brasileiras para línguas europeias, a sensualização dos nativos, remetendo ao exotismo, e a tentativa de apresentar a obra como representativa da cultura brasileira como um todo. Tanto a sensualização da personagem indígena quanto a amplificação da representatividade da obra, de um estado para toda a nação, na verdade já se encontravam no texto original e na proposta de Alencar, sendo apenas explicitadas e de certa forma antecipadas, no título da tradução. Ambos os procedimentos parecem buscar aumentar o apelo exótico da obra ao seu novo público.

Os paratextos presentes no texto fonte foram reorganizados na tradução: o prefácio assinado por Alencar foi excluído e no seu lugar foi inserido um prefácio de duas páginas assinado por Isabel, de que já falamos; o “Argumento histórico” que no texto fonte aparece iniciando as notas finais foi colocado como introdução ao romance na versão em inglês; e a “Carta do Dr. Jaguaribe”, que aparece encerrando o texto fonte, foi excluída. Esses procedimentos são compreensíveis: ao substituir o prefácio do autor pelo da tradutora, esta toma a autoridade da obra e a apresenta para seu novo público. A inclusão do “Argumento histórico” antecedendo o romance estabelece melhor o contexto da obra para o leitor estrangeiro. E a exclusão da “Carta do Dr. Jaguaribe” justifica-se por este discutir questões literárias brasileiras e da fatura da obra que não interessariam em primeira instância ao público estrangeiro.

Como já dissemos, o romance foi traduzido integralmente, e um cotejamento entre os dois textos aponta que nenhuma sentença foi excluída. Vimos que no prefácio Isabel revela seu propósito de ser literal em sua tradução, o que se refletiu na manutenção dos vocábulos tupi-guarani no texto traduzido, acompanhados das notas feitas por Alencar, agora apresentadas ao pé de página. Isabel introduziu, porém, outras notas de pé de página referentes a elementos da cultura brasileira e da língua portuguesa. Dessa maneira, as notas que já eram em grande número no texto fonte tornaram-se ainda mais numerosas e extensas. No texto fonte encontramos 129 notas, ocupando 28 páginas finais, que na tradução se tornaram 229 notas, distribuídas em quase todas as suas 101 páginas de texto. De fato, apenas onze páginas da tradução não apresentam notas de pé de página.

Os termos indígenas e os de origem da língua portuguesa transferidos por Isabel remetem a elementos culturais específicos. Como adiantamos, nossa análise da tradução concentra-se em levantar os procedimentos utilizados pela tradutora ao transpor os termos culturais específicos, tanto os de origem indígena quanto brasileira.² Para Aixelá, os ICEs não se definem por si mesmos, mas resultam de um conflito gerado por uma referência da língua fonte que inexistente ou possui valor diferente na língua alvo. Dessa maneira, Aixelá define como ICEs:

¹ “He is their first prose and romance writer. [...] I cannot thank him sufficiently for having allowed so incompetent a translator as myself to be the first to introduce him to the British public. I have endeavoured to be as literal as possible [...]”.

² Aqui fazemos uma oposição entre a cultura brasileira oficial de matriz europeia e a cultura indígena, incluindo sua língua, sabedoria, costumes e povos, que passavam por um processo sistemático de destruição.

Aqueles itens textualmente efetivados, cujas conotações e função em um texto fonte se configuram em um problema de tradução em sua transferência para um texto alvo, sempre que esse problema for um produto da inexistência do item referido ou de seu status intertextual diferente no sistema da cultura dos leitores do texto alvo (AIXELÁ, 2013, p. 193).

Aixelá parte do princípio proposto por Gideon Toury, que situa as traduções do ponto de vista de adoção das normas tradutórias entre dois extremos diametralmente opostos: entre ser uma obra literária válida na língua alvo, ou constituir uma representação de um texto pré-existente na língua fonte (AIXELÁ, 2013, p. 186). Uma oposição entre ler a tradução “como um original”, ou lê-la “como o original”. Essa classificação é estabelecida pelo levantamento das diversas estratégias empregadas frente à diferença trazida pelo Outro, que variam “da conservação (aceitação da diferença por meio da reprodução dos sinais culturais no texto fonte), à naturalização (transformação do outro em uma réplica cultural)” (AIXELÁ, 2013, p. 188).

A partir dessa definição, Aixelá buscou agrupar todas as estratégias possíveis aplicadas na tradução, que foram ordenadas com base no grau de manipulação intercultural, de forma a permitir detectar a tendência geral de uma tradução com relação à dupla tensão entre a conservação e a naturalização. Dessa maneira Aixelá apresenta uma escala dividida entre dois grandes grupos, que parte do menor para o maior grau de manipulação cultural. Esses dois grupos dividem-se entre a conservação e a substituição das referências originais por outras mais apropriadas ao sistema receptor (AIXELÁ, 2013, p. 196).

Partindo do grupo da conservação, a escala dos procedimentos (a partir do menor grau de manipulação cultural) inicia-se com a estratégia da repetição (manutenção do termo na língua de origem), seguida pela adaptação ortográfica (envolvendo transliteração e transcrição), tradução linguística não cultural (uso de uma referência denotativa bem próxima do texto fonte), explicação intratextual e explicação extratextual. No segundo grupo, o da substituição, seguindo a escala no sentido de uma maior manipulação cultural, encontramos sinonímia (uso de sinônimo ou referência paralela para evitar a repetição do ICE), universalização limitada (substitui o termo por uma outra referência da cultura fonte), universalização absoluta (substitui o termo por uma referência neutra, sem conotações estrangeiras), naturalização (substitui por um ICE específico da cultura alvo), eliminação e criação autônoma (inclusão de ICEs não presentes no texto fonte). O autor ainda sugere outras potenciais estratégias, como a compensação, a atenuação e a deslocação, que não incluiu em sua escala.

Aixelá alerta também para as situações em que há a presença de uma terceira língua envolvida no processo tradutório, seja no caso das retraduições, ou no caso da representação de uma cultura minoritária no texto fonte, no qual se situa *Iracema*. Nesses casos, afirma ser comum encontrar comentários intratextuais no texto fonte. Aixelá não avança a discussão sobre esse ponto, mas apenas afirma que “essa circunstância geralmente implica em uma diferença importante na tradução”, e sugere que a estratégia mais comum empregada nesse caso seja a eliminação desses elementos (AIXELÁ, 2013, p. 208). Como veremos, essa não foi a opção escolhida por Isabel, seja pela grande presença desses elementos, seja por sua proposta de tradução literal, ou por considerá-los de presença necessária, dado o gênero a que a obra se filia.

Na tradução que estudamos, em que a maior parte dos ICEs são também específicos no texto fonte, sendo acompanhados de explicações extratextuais, decidimos nos concentrar, portanto, no estudo das estratégias usadas pela tradutora nesses ICEs já destacados no texto fonte, incluindo algumas outras ocorrências que foram tratadas pela tradutora com os mesmos procedimentos.

Como apontamos anteriormente, no texto fonte encontramos 129 notas. A quase totalidade das notas refere-se a ICEs de origem indígena, sejam vocábulos, explicações sobre costumes, me-

táforas e expressões. Apenas quatro notas referem-se a outros elementos, sendo duas referentes a neologismos da língua portuguesa criados pelo autor, “ruflar” e “afflar”, um referente a um personagem histórico, “Albuquerque”, e uma última referente a “Martim”, nome de origem latina. Dessas quatro notas, as duas primeiras foram excluídas, uma vez que os neologismos não foram mantidos na tradução. No texto alvo encontramos 229 notas, o que sugere não apenas a manutenção das explicações extratextuais presentes no texto alvo, com exceção das duas citadas, como a inclusão de novas explicações extratextuais referentes a ICEs que não são tratados como tais no texto fonte.

Algumas explicações extratextuais incluídas no texto alvo, referentes, portanto, a ICEs não de origem indígena, mas à língua portuguesa ou à cultura brasileira, que citamos a título de exemplo são “jangada”, “serra”, “saudade”, “sapé”, “mangaba”. Ainda que alguns desses termos possam ter origem Tupi, como “mangaba”, eles não receberam explicações extratextuais no texto fonte, provavelmente por já terem sido incorporados na língua portuguesa. Outras notas incluídas por Isabel buscam explicar a linguagem poética empregada por Alencar, especialmente os símiles, como o trecho em que diz ser o talhe de Iracema esguio como o da palmeira. E há ainda notas repetidas sobre alguns ICEs.

O procedimento mais adotado por Isabel frente aos ICEs, portanto, foi, segundo a terminologia de Aixelá, a repetição junto com a explicação extratextual. Em pouquíssimas exceções Isabel optou por substituir o termo indígena por uma universalização, seja absoluta ou limitada, ou por uma explicação intratextual. Mas, além dos termos em tupi-guarani, algumas palavras da língua portuguesa também sofrem o mesmo procedimento, sendo repetidas acompanhadas de explicação extratextual. A palavra “saudade”, por exemplo, aparece a primeira vez substituída por uma universalização absoluta [“yearning”] acompanhada de uma explicação extratextual, para em seguida ser repetida no texto alvo sem acompanhamento de nota. O mesmo acontece com as palavras “serra”, “jangada”, “cachimbo” e nomes de animais e frutas (como “sabiá”), que, sendo repetidas acompanhadas de uma primeira explicação extratextual, passam a ser incorporadas no texto traduzido como estrangeirismos.

Um procedimento muito original e curioso utilizado por Isabel é a criação de palavras compostas, um misto de repetição com universalização absoluta, de acordo com a denominação de Aixelá, onde a palavra em tupi-guarani ou português é repetida unida por hífen a uma palavra em inglês com o significado genérico da primeira. Ex.: Jangada-raft; Carnaúba-palm; sapé-grass. Esse não costuma ser um recurso utilizado em traduções literárias, não sendo catalogado entre os procedimentos usuais de tradução, como podemos verificar tanto na classificação de Aixelá quanto na de Barbosa. É curioso que mesmo com esse recurso a tradutora ainda assim mantém a explicação extratextual do termo estrangeiro em nota de pé de página, de forma que a informação se repete. Ex: “jangada-raft” é acompanhada da nota: “Jangada is a raft”. Na tabela 1 a seguir encontramos outros exemplos desse procedimento.

Outro procedimento que chama a atenção é o uso de arcaísmos e formas eruditas. Talvez para aproximar a tradução do português Isabel tenha optado por usar palavras de origem latina, como “barque” para traduzir “barco”, e tenha usado formas arcaicas, como na tradução da expressão indígena de cumprimento. No texto fonte encontramos: “-Vieste? - Vim” (ALENCAR, 1865, p.10), sendo que na tradução Isabel

Tabela 1 – Criação de palavras compostas

Texto fonte	Texto alvo
Carnaúba	Carnaúba-palm
Maracá	Maracá-rattle
Juruty	Juruty-dove
Sapé	Sapé-grass
Intanha	Intanha-frog
Cauim	Cauim-wine
Jangada	Jangada-raft

Fonte: elaborada pelo autor.

utiliza formas arcaicas para o pronome em segunda pessoa e o verbo “come” na segunda pessoa singular do passado simples: “Thou camest?” “I came” (ALENCAR, 1886, p. 7).

Mesmo nos momentos em que Isabel adota um procedimento tradutório que aproximaria o texto do leitor, essa aproximação acaba sendo revertida, como quando substitui o termo tupi-guarani por sua explicação intratextual, que por sua vez é acompanhada de uma explicação extratextual onde o termo é citado. Um exemplo é a palavra “urú”. No texto fonte encontramos a frase: “outras remexe o urú de palha matizada” (ALENCAR, 1865, p. 5), seguida da nota de fim de texto: “IV. Urú - Cestinho que servia de cofre às selvagens para guardar seus objectos de mais apreço e estimação” (ALENCAR, 1865, p. 165). No texto alvo encontramos: “then she slips down and shakes the little satchel (4) of coloured straw”, seguida da nota: “4 Urú. I have called it satchel, but it is a little coffer or basket, in which the savages keep their treasures, and which accompanies them as does a lady’s dressing-case in Europe” (ALENCAR, 1886, p. 4). Nessa configuração, o leitor compreende o texto sem a necessidade da leitura da nota. Posteriormente, Isabel irá repetir “urú” no texto: “Iraçema took her own white hammock of cotton fringed with feathers and folded it into the Urú of plaited straw”. (ALENCAR, 1886, p. 24). Raramente Isabel opta por substituir o ICE por uma explicação intratextual, sem acrescentar uma nota, tornando o texto mais legível, como em “taquara”, que é substituída pela explicação intratextual “layers of bamboo” (ALENCAR, 1886, p. 165), ou opta por uma universalização absoluta, como “jirau”, traduzido por “shelf” (ALENCAR, 1886, p. 26).

4 CONCLUSÃO

De uma maneira geral, podemos dizer que Isabel opta por procedimentos tradutórios que buscam preservar as especificidades culturais e mesmo linguísticas, pelo menos em termos de vocabulário, do texto fonte, o que se manifesta principalmente nos procedimentos de repetição com inserção de explicações extratextuais. É o que modernamente chamaríamos de uma tradução estrangeirizante, segundo a acepção de Lawrence Venuti (1998, p. 240-44). Apesar de esses procedimentos espelharem aqueles encontrados no próprio texto fonte, a inclusão em grande número de ICEs de outras origens que não os indígenas, não apenas acaba por gerar um texto de leitura difícil, interrompida por palavras estrangeiras e notas de pé de página, como confunde o leitor estrangeiro quanto às origens indígenas ou portuguesas dos vocábulos repetidos.

Resumindo, portanto, os diversos procedimentos que ajudaram a tornar o texto mais exótico e afastado do leitor em língua inglesa (e não necessariamente mais próximo do texto fonte), encontramos:

- 1 - Adaptações ortográficas que não obedecem a regras nem da língua fonte nem da língua alvo, por meio do acréscimo de acentos (ex.: Iraçéma);
- 2 - Repetição de termos tupi-guarani acompanhados de explicação extratextual na forma de nota de pé de página;
- 3 - Além da repetição de termos tupi-guarani Isabel fez o mesmo com algumas palavras da língua portuguesa acompanhadas de explicação extratextual em nota de pé de página (ex.: serra);
- 4 - Alguns termos do português foram traduzidos por correspondentes arcaicos ou eruditos, ao utilizar palavras inglesas de origem latina que se aproximassem mais do original (ex.: barque);

5 - Criação de palavras compostas, conjugando os procedimentos de repetição com universalização absoluta (ex.: jangada-raft).

Dessa maneira, detectamos o emprego quase onipresente de procedimentos de conservação, segundo a escala de Aixelá, sendo o mais usado o da repetição com explicação extratextual, acompanhado de uma adaptação ortográfica que foge às regras das duas línguas envolvidas. Em ocorrências raras, encontramos universalização absoluta e explicação intratextual. Esses procedimentos, aliados ao uso de termos eruditos e arcaicos, sugere a exotização do texto traduzido, afastando-o da realidade do leitor estrangeiro e mesmo dificultando sua leitura. Essa recepção opaca do texto pode ser verificada na crítica que a tradução recebeu quando de sua publicação.

No artigo publicado no periódico escocês *The Glasgow Herald*, de 18 de fevereiro de 1886, confirma-se a dificuldade que esse tipo de texto e de tradução oferecem ao leitor em língua inglesa. O crítico inicia seu texto afirmando que o máximo que alguém poderia dizer a respeito de *Iraçéma, or Honey-Lips*, é que a obra é uma espécie de “curiosidade literária”. Apesar de reconhecer a fama do autor José de Alencar no Brasil, ele reclama que, a julgar por este livro, sua obra é totalmente intraduzível para o inglês. Considera o português uma língua tão distante da inglesa que o resultado da tentativa de uma tradução literal teria sido um fracasso, e cita longo trecho da tradução para exemplificar seu ponto de vista. Para ele,

Tal linguagem florida não é palatável para nosso gosto objetivo, e quando inumeráveis alusões tropicais requerem ser explicadas por meio de um elaborado sistema de notas de pé de página que preenchem um terço das páginas, torna-se claro que o Senhor Alencar provavelmente não se tornará um romancista popular neste país (IRAÇÉMA, p. 274).³

E o autor finaliza o texto reafirmando que “o principal interesse do volume, como dissemos, reside em ser um espécime da literatura brasileira, de forma que não nos atrevemos a prever uma popularidade muito grande para ele” (IRAÇÉMA..., 1886, p. 274). Ou seja, o valor da tradução encontrava-se no seu ineditismo, um espécime curioso de uma literatura exótica e distante, mas sem nenhum apelo direto à sensibilidade britânica.

Esse mesmo tipo de crítica havia sido feito à produção poética indianista de Gonçalves Dias, que imprimiu seu livro *Cantos* na Inglaterra em 1857 e foi objeto de artigo no dia 24 de outubro do mesmo ano, intitulado “Brazilian poetry”, publicado no periódico londrino *The Saturday Review*:

Uns poucos versos, entretanto, sobre índias e guerreiros, escalpos e machadinhas, ornamentados com alguns nomes pitorescos ou melódiosos, tais como “o vento uivante” ou “Tupinambá”, são o máximo que o gosto comum pode suportar ler; e ultimamente, um tipo de escola pré-homérica de poesia tem antes nos exaurido com extensos épicos e odes desconjuntadas, que o “pele-vermelha” nunca teria escrito, e não poderia agora entendê-los (BRAZILIAN..., 1857, p. 373).

Diferenças irreduzíveis entre a língua portuguesa e a inglesa são constantemente citadas pelos críticos quando se referem às traduções da época. Mas no caso de obras de temática indianista, essa dificuldade parece se adensar. A temática indígena, aliada ao processo de tradução que privilegiava a conservação do texto fonte, parece ter se tornado uma combinação pouco palatável aos leitores ingleses. Ao mesmo tempo que a temática indianista parece ter atraído em um primeiro momento a atenção do público estrangeiro sobre nossa literatura, como a própria seleção de obras

³ Esta e outras citações originalmente em inglês foram traduzidas pelo autor deste artigo.

traduzidas pelo casal Burton parece indicar, as especificidades de tal gênero, aliadas às dificuldades trazidas pelo processo tradutório de tais obras, e aos métodos empregados em vertê-las para outras línguas, do qual a tradução feita por Isabel é um exemplo claro, talvez tenham provocado um efeito contrário, afastando o leitor desse tipo de obra. Ao mesmo tempo, a identificação da literatura brasileira com tal gênero literário pelo leitor estrangeiro pode, por extensão, ter criado uma imagem pouco atraente de nossa literatura e dificultado sua recepção inicial.

REFERÊNCIAS

- AIXELÁ, J. F. Itens culturais-específicos em tradução. Tradução de Mayara Matsu Marinho, Roseni Silva. *In-Traduções*, v. 5, n. 8, p. 185-218, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/intraducoes/article/view/62298>. Acesso em: 12 maio 2019.
- ALENCAR, J. de. *Iracema*: lenda do Ceará. Rio de Janeiro: Typographia Vianna e Filhos, 1865. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4660?locale=en>. Acesso em: 10 abr. 2019.
- ALENCAR, J. de. *Iraçéma. the honey-lips: a legend of Brazil*. Trad. Isabel Burton. London: Bickers & Son, 1886. Disponível em: <http://burtoniana.org/books/1886-Iracema/index.htm>. Acesso em: 23 maio 2019.
- BARBOSA, H. *The virtual image: brazilian literature in english translation*. 1994. 500 f. Tese (PhD) – Centre for British and Comparative Cultural Studies, University of Warwick, 1994. 2 v.
- BARBOSA, H. Translating indianist novels. *In: BARBOSA, H. The virtual image: brazilian literature in english translation*. 1994. 500 f. Tese (PhD) – Centre for British and Comparative Cultural Studies, University of Warwick, 1994. 2 v, p. 184-243.
- BATISTA, E. L. A. de O.; VIEIRA, E. R. P. Sir Richard Burton e Elizabeth Bishop: pioneiros na tradução da literatura brasileira em língua inglesa. *Revista Ipotesi*, v. 13, n. 1, p. 13-25, 2009. Impresso.
- BOSI, A. Um mito sacrificial: o indianismo de Alencar. *In: BOSI, A. Dialética da colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- BRAZILIAN Poetry. *The Saturday Review*, p. 372-3, 24 out. 1857. Impresso.
- BURTON, I. Preface. *In: Alencar, José de. Iraçéma: the honey-lips: a legend of Brazil* Tradução Isabel Burton. Londres: Bickers & Son, 1886. p. III-IV. Disponível em: <http://burtoniana.org/books/1886-Iracema/index.htm>. Acesso em: 23 maio 2019.
- BURTON, R. F. Translations. *Athaeneum*, n. 2313, p. 241-3, fev. 1872. Impresso.
- CAMILO, V. Mito e história em *Iracema*, a recepção mais recente. *Novos Estudos*, Cebrap, v. 2, ed. 78, p. 169-189, jul. 2007.
- GARCIA, F. C. H. Richard Francis Burton and Basílio da Gama: the translator and the poet. *Luso-Brazilian Review*, v. 12, n. 1, p. 34-57, 1975. Impresso.
- GODÓI, E. O vocabulário indianista e ideológico de José de Alencar. *Linguagem – Estudos e Pesquisas*, Catalão, v. 8-9, p. 84-100, 2006. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/lep/article/viewFile/32542/17307>. Acesso em: 10 maio 2019.

PEREIRA DA SILVA, J. M. *Manuel de Moraes: a chronicle of the seventeenth century*. Tradução Isabel e Richard Burton. London: Bickers & Son, 1886.

IRAÇÉMA, the Honey-Lips. *The Glasgow Herald.*, p. 274, 18 fev. 1886. Impresso.

VENUTI, L. Strategies of translation. In: BAKER, M. (ed.). *Routledge Encyclopedia of Translation Studies*. New York; London: Routledge 1998. p. 240-244.